

MEIO AMBIENTE: PRIVATIZAÇÃO DA NATUREZA EM CUBATÃO

Amélia Luisa Damiani

Ousamos tratar do meio ambiente sem a preocupação de nos remeter à vasta bibliografia a respeito, boa parte dela voltada para as ciências naturais e, portanto, distante de nossos domínios. Identificamos sem reservas, apesar disso, o meio ambiente com a natureza — uma natureza que, longe de ser concebida em sua “pureza” e independência relativamente ao homem, transforma-se também a partir de uma história que é humana. E, neste sentido, faremos algumas considerações tendo essa história como ponto de vista e a realidade social de Cubatão como evidência empírica.

A natureza apresenta-se como meio direto de vida do homem, assim como matéria, objeto e instrumento da atividade que lhe reproduz a vida, de uma forma prática e real, e nessa medida constituindo ou formando parte da consciência humana.

De início, ou em sociedades mais primitivas ou menos desenvolvidas o comportamento limitado do homem perante a natureza, que não dominava, aparecia ao nível da consciência como uma “consciência da natureza que inicialmente se depara ao homem como uma força francamente estranha, toda-poderosa e inatacável...” (MARX, *A Ideologia Alemã*, p. 36). E o homem manifesta esse temor, muitas vezes, ou reconhecendo-o diretamente ou fantasiando seu domínio e controle sobre as forças naturais, como na arte grega, através de sua mitologia.

No discurso de Afonso Schmidt, escritor e poeta cubatense, datado do começo do atual século, reconhecem-se alguns temores: “O

* Agradecemos, especialmente, as contribuições críticas dos professores Armando Correa da Silva, Ana Fani Alessandri Carlos e Mário Antônio Eufrásio.

rio crescia aos saltos... Galgava o barranco, espriava-se pelo terreno, lambia os alicerces, ameaçando a casa e os moradores. A gante dormia com a porta do quintal encostada, sem trancas nem tramelas, esperando a hora, que felizmente não chegou, de correr, a trouxa na cabeça, para os morros mais próximos". (Schmidt, *Menino Felipe*, p. 69).

E sobre o vento aparecem as portas, dominando-o:

"As lufadas uivavam, lamentavam-se como carpideiras. Forçavam portas e janelas. Quando as encontravam fechadas, ciciavam coisas misteriosas pelas frinchas. Em certas horas, parecia que o sítio tinha sido assaltado por legiões de moleques que punham os dedos na boca e desandavam numa vaia contra o céu". (*Idem* p. 63).

Nessa época, Cubatão era essencialmente agrícola, reproduzindo agricultura comercial da banana, associada a de subsistência, e guardando uma atividade industrial ainda modesta.

A natureza é obra humana,¹ na medida em que o homem dela se apropria para viver, já que esta constitui o meio, o instrumento etc. de sua atividade vital, através da qual reproduz sua vida. A produção da vida humana passa pela relação homem-natureza.

"É certo que o primado da natureza exterior nem por isso deixa de subsistir, e tudo isso não pode certamente aplicar-se aos primeiros homens nascidos por *generatio aequivoca* (geração espontânea)... De qualquer modo, essa natureza não existe nos nossos dias, salvo em alguns atóis australianos de formação recente..." (MARX, *A Ideologia Alemã*, p. 32).

O ato de apropriação da natureza não é a-histórico; dá-se, de um lado, tendo em vista a natureza específica do objeto a apropriar, de outro a força essencial humana necessária a essa apropriação, que se adequa a ele; e tal adequação é histórica, no sentido de que objetos

¹ A natureza como obra humana é uma expressão de Marx que aparece no primeiro dos *Manuscritos Econômico-Filosófico*, de 1844; no entanto, sem utilizar-se dessa terminologia, desenvolve a transformação do mundo objetivo como verdadeira objetivação do homem ao longo de outros trabalhos seus.

diferenciados são para o homem na medida em que este desenvolveu a capacidade de se apropriar deles, movidos por suas necessidades.

Em outras palavras, trata-se do desenvolvimento social ou do desenvolvimento das forças produtivas, função das necessidades sempre acrescentadas, que desenhoca num domínio cada vez maior sobre a natureza, em enormes modificações do mundo natural. Entretanto, vivemos relações condicionadas, quer no sentido de que não foi alterada integralmente a substância natural e a natureza muitas vezes afronta o homem; quer considerando-se as bases sociais do domínio em questão. É exatamente neste último aspecto, fundamental para a compreensão de fenômenos como Cubatão, que nos deteremos neste artigo. Retomemos, então, a problemática da atividade humana.

Como resultado da atividade material dos homens, do trabalho no decorrer da história, desenvolveu-se a criação prática de um mundo objetivo, de um mundo sensível que é, então, um produto histórico, e não um objeto imutável. E ao longe da história se dá a transmissão dessa criação, enquanto resultados materiais específicos de cada momento histórico, incluindo uma dada relação com a natureza, entre os homens etc., que se apresentam como condições de existência, circunstâncias a partir das quais se fazem as transformações.²

Essas circunstâncias dadas, exatamente por esse caráter, dão a determinadas condições a aparência do natural, do dado para sempre, do que sempre foi assim, no qual se inclui aquilo que é dado pela natureza. É assim que aparecem aos olhos dos homens, à primeira vista: ganhando certa independência face à criação humana ou certa inflexão à mudança.

E a aparência do natural, que toda essa criação humana adquire ao nível dos elementos estritamente identificados com a natureza, reflete muitas vezes uma total independência relativamente ao trabalho, como no caso de inúmeras plantas levadas de um lugar para outro e que, ao homem desse segundo lugar, nascido depois da migração, parece a paisagem original, natural. A população de Cubatão, a maioria migrante, sem tradição com relação à história dessa cidade, é possível considerar como natural o mangue rarefeito de sua vegetação original, que sofreu a utilização industrial do tanino, extraído

² Essas transformações, por sua vez, têm sua origem em conflitos materiais da vida, com base na contradição entre as forças produtivas e as relações de produção.

de suas folhas³, a poluição ambiental dessa nova industrialização, seus aterros etc.; do mesmo modo, é possível considerar os paliteiros das vertentes dos morros, junto à serra, como vegetação natural, quando são o reflexo da industrialização e poluição decorrente; e outros tantos exemplos poderiam ser dados. Estamos aqui falando da aparência de senso comum, imediato; mas, na realidade, esse caráter natural persegue criações humanas mais longínquas e não-decifradas enquanto tais.

As relações entre o homem e a natureza são consoantes ao desenvolvimento social, à forma de sociedade; e entre Cubatão dos bananais, da indústria modesta, do entreposto comercial, e Cubatão do grande centro industrial petroquímico-siderúrgico de hoje experimentam-se mudanças significativas, que a poluição ambiental, como seu fenômeno superficial, reflete.

Estar sob a determinação do capitalismo não elimina diferenças na relação entre o homem e a natureza desses dois momentos; é perfeitamente compatível com o capitalismo, um desenvolvimento desigual entre ramos de produção distintos, nações, regiões, cidades, etc⁴. O lugar de Cubatão no contexto da economia nacional, do início do século para cá, transformou-se consideravelmente, da mesma forma que o próprio capitalismo.

O desenvolvimento do processo de reprodução do capital se faz a partir da exploração cada vez maior da natureza e do homem, à base do trabalho alienado e da propriedade privada.

Ao nos determos, mesmo que em grandes linhas, na Cubatão do início desse século, mais exatamente em suas primeiras décadas, reconhecemos a propriedade privada e o trabalho alienado, reproduzidos através da propriedade dos bananais e de outras culturas comercializadas, como as frutas cítricas, das pedreiras e dos portos de areia, dos curtumes de pequeno porte, das grandes indústrias da época⁵, e outras; e do trabalho assalariado de uma massa de trabalhadores a ela ligados.

3 Aproveitado pelos curtumes existentes em Cubatão, anteriormente à recente industrialização, responsável pela atração dessa massa populacional.

4 Relativamente ao desenvolvimento desigual, entre outros exemplos, tem-se Marx falando a respeito em *A Ideologia Alemã*, pp. 86/87, e nos *Grundrisse*, vol. I, p. 26 (respectivamente: *A Ideologia Alemã*, vol. I, 3ª ed., Editorial Presença, Lisboa; e *Grundrisse 1857-1858*, vol. I, 9ª ed., Editores Siglo Veintiuno, México, 1977).

5 Trata-se da Cia. J.B. Duarte, a partir de 1937 chamada Cia. de Anilinas e Produtos Químicos do Brasil e falida em 1960; da Costa Muniz, um grande curtume à época e que diversificou sua produção com a extinção do manguezal, falida por volta de 1982; e da Cia. Fabril, hoje Cia. Santista de Papel.

Entretanto, a propriedade privada assim constituída, sobretudo a partir dos sítios de bananas, era relativamente pulverizada⁶ frente ao que viria a ser em decorrência da industrialização à base da produção de meios de produção, especialmente seus elementos circulantes desenvolvida a partir da década de 50, com a instalação da Refinaria Presidente Bernardes da Petrobrás, seguida de petroquímicas, da Cosipa (Companhia Siderúrgica Paulista) e demais indústrias, num total de 23 grandes empresas estatais, multinacionais e nacionais; em sua maioria, parte de grandes grupos econômicos, de estruturas oligopolizadas⁷.

Estávamos em um momento marcado pelo extrativismo, feito vas da economia da época, este não se reduzia ao trabalho assalariado. No caso da banana, os bananicultores trabalhavam em seus próprios sítios, com a ajuda de familiares, utilizando-se do trabalho assalariado de forma mais restrita. Outro exemplo refere-se aos inúmeros mangueiros (extratores de mangue) que comercializavam o produto de seu trabalho junto aos curtumes. Portanto, executavam-no independente do assalariamento, já que o mangue não estava reservado à propriedade dos curtumes, embora a pudessem exercer, informalmente, através do reduzido pagamento aos mangueiros.

Estávamos em um momento marcado pelo extrativismo, feito também de forma independente; por uma agricultura de subsistência ainda resistente; e por uma agricultura comercializada, baseada inclusive em uma divisão familiar do trabalho, podendo reunir, como nos bananais, entre os camaradas⁸, os chamados andantes⁹, homens para os quais as relações de trabalho formalizadas não interessavam.

6 "Um número elevado de portugueses conseguiu adquirir sítios de banana quando Cubatão era um dos maiores produtores exportadores brasileiros desse produto." (PERALTA, Inês Garbuio, *O Impacto da Industrialização sobre o Desenvolvimento Urbano de Cubatão*, p. 185).

7 A industrialização de Cubatão é expressão dos novos padrões da industrialização brasileira nessa década, que representam a concentração do capital, a ampliação da sua composição orgânica, o desenvolvimento de novos setores produtivos da propriedade do capital estatal e multinacional voltado para eles etc.

8 "O camarada era, naquele tempo, um caçara que abandonava a roça de mandioca à beira-mar com a esperança de melhorar de sorte nos bananais de Cubatão, Piaçaguara, Areiais ou Jurubatuba. Entre eles, contavam-se também trabalhadores vindos de outros Estados." (Schmidt, Afonso. *Menino Felipe*, p. 61).

9 "Andante era o marinheiro fugido de bordo, o soldado desertor, o preso evadido, gente que, ali chegando, dava um nome qualquer e esquecia o passado." (*Idem*).

Era um momento, enfim, em que o homem ainda mantinha, mesmo que dentro de limites estreitos, uma centelha de vida a partir de uma natureza que não lhe era apenas um poder estranho, não lhe era unicamente uma propriedade, a de outrem.

Às refeições, podia-se comer “palmito, inhame, taioba, mangarito, um peixe pescado no barranco do rio ou uma caça que os camaradas encontravam nos mundéus, perdidos no mato encharcado” (SCHMIDT, *Menino Felipe*, p. 60). Os mangueiros, também, das folhas de mangue tudo utilizavam; se vendiam a casca aos curtumes, os troncos rachados lhes serviam de lenha na cozinha. Era um momento, entretanto, em que, contraditoriamente, a natureza aparecia ao homem mais poderosa, inclusive reproduzindo localmente doenças como a maleita, que afastavam os trabalhadores vindos de fora e mais adequados ao trabalho junto às indústrias. E que, portanto, dificultavam o trabalho regular dentro das mesmas.

Diante dessa realidade contraditória, as primeiras grandes indústrias a se instalarem em Cubatão estabeleceram uma relação capital-trabalho mais direta, determinada pela necessidade de moldar e controlar a força de trabalho regular necessária à produção, desemboçando na construção de vilas operárias para os trabalhadores. Foram quatro as vilas, duas ainda remanescentes: a Vila Fabril e a Vila Light, esta última construída a partir da instalação da usina de geração de energia, por volta de 1926. Quanto às demais, referem-se às indústrias já citadas.¹⁰

De forma alguma tem-se como pretensão romantizar a Cubatão anterior à industrialização atual; a intenção gira em torno não somente de discutir a relação homem-natureza como uma relação mediada pelo trabalho, concebido de maneira genérica, que signifique um domínio cada vez maior sobre o natural, mas de tentar reconhecê-lo como trabalho alienado; e à natureza, nesta medida, como propriedade privada. E essa condição da natureza se desenvolve plenamente e é garantida pela recente industrialização.

Cubatão até 1948, era uma povoação vinculada a Santos¹¹, até 1940 tinha uma população essencialmente rural — nessa data, exa-

¹⁰ Cf. nota 5.

¹¹ Cubatão, que é incorporada a Santos pela lei provincial nº 167, de 1º de março de 1841, vive sua condição de povoação até 1949, quando passa a exercer sua autonomia administrativa, reivindicada por vários anos e fixada pela lei nº 233, de 24 de dezembro de 1948. Contudo, através da lei nº 5449,

tamente 71,3%, para um total de 6.570 habitantes. Em 1980, sua população urbana perfazia 99,6%, em termos absolutos 78.327 habitantes, para um total populacional de 78.652. Se anteriormente os mangueiros viviam em ranchos às margens do rio Cubatão, os trabalhadores das indústrias residiam em sua maioria em vilas operárias ou próximos ao centro da cidade e os camaradas dispersos em sítios ranchos de palha — enfim Cubatão era um local de trabalho e moradia; hoje, como moradia abriga principalmente as camadas mais pobres dentre seus trabalhadores, estando os demais repartidos pela Baixada Santista, em especial Santos. As indústrias de Cubatão retêm enormes glebas de terra, e cada vez mais espaços são açambarcados diretamente à produção industrial por uma industrialização de alta composição orgânica do capital, baseada na expansão crescente de seu capital fixo; além do quê, o investimento imobilizado na circulação se expandiu e Cubatão é entrecortado por estradas de ferro e rodagem, ramais que atingem as indústrias, os eleodutos, os gasodutos etc. Nesse sentido vêm as tentativas de superficialização da cidade como local de moradia por parte de interesses identificados com as indústrias, mediatizadas pela utilização de uma legislação pretensamente voltada para o problema ambiental, em especial relativo à resolução da questão da poluição.

Na natureza tornada propriedade privada acumulam-se montantes substanciais de trabalho, consubstanciados em investimentos como os dos morros desgastados, dos mangues aterrados etc., reproduzindo o terreno propício à reprodução do capital industrial, das indústrias que retêm a propriedade da terra de grandes espaços de Cubatão. O processo de industrialização desenvolve-se a partir da exploração do trabalho de inúmeros trabalhadores, muitos habitantes de favelas e núcleos pobres, acotevelados em milhares de barracos, que crescem rapidamente, acirrando a contradição entre Cubatão como lugar de trabalho, de um lado, e de moradia, de outro.

O desenvolvimento da natureza enquanto propriedade privada ou da propriedade privada se expressa pela superação de qualquer aparência de relação pessoal que ela possa conter, e por sua redução a simples riqueza material: “A terra, como o homem, desce ao plano dos valores de troca” (MARX, *Manuscritos Econômico-Filosófico*, de 1844, primeiro manuscrito, p. 61).

de 4 de junho de 1968, Cubatão é declarada área de interesse da segurança nacional, sendo seu prefeito, a partir de então, nomeado pelo Presidente da República. A luta atual gira em torno da reconquista da autonomia perdida.

Toda a nomenclatura de lugares que expresse Cubatão com certa afetividade ou individualidade tem suas raízes em outros momentos ou estados da sociedade, e aparece hoje como resquício, sendo peculiar, fundamentalmente, aos locais de moradia, em especial aos núcleos pobres os às favelas. Recentemente, algumas famílias, ao invadirem terras da prefeitura, entre as rodovias Anchieta e Imigrantes, para nelas estabelecerem sua moradia, chamaram-na Vila Natal, porque na oportunidade se aproximava o Natal.

Entre as designações de outros tempos, vejamos:

— Na Cubatão dos sítios de bananas, tinha-se muitas vezes nomes que identificavam os lugares com seus caseiros: “Chamava-se sítio do Salvador porque foi Pai Salvador seu último caseiro. Havia o sítio do Pai Benedito, pelo mesmo motivo” (SCHMIDT, *idem*, p. 60);

— há designações que “cheiram” a África e a Portugal do descobrimento, como “Cazagão, Pai Cará, Mãe Maria, Tomé de Pina... Para lá dos picos da serra, ficavam as terras do Zanzalá, nome que lembra ‘zahar Alah’, flor de Deus, ou ‘zahar zelá’ flor de altura. Zanzalá deve ser a expressão com que o preto muçulmano designava a aleluia, árvore que viceja nos pontos mais altos da serra...” (SCHMIDT, *idem*, p. 60). Enquanto o Zanzalá de hoje¹² se reduziu à tentativa de produzir uma nova Cubatão, como alternativa para o desfavelamento, o qual atinge quase a metade da população residente em Cubatão, com a construção, em princípio, de 2.500 casas, que seriam adquiridas pelos novos habitantes, pelo sistema BNH, em “módicas prestação mensais”.¹³ Da época da terminologia africana para a de agora, houve a alteração da substância mesma do natural, subjugada à condição de propriedade privada; é o “bolsa de homem”, e não seus costumes ou caráter, que o relaciona com o lugar.

Num quadro cada vez maior de absorção da natureza inteira à propriedade privada, que por sua vez tem como forma objetiva aca-

12 Zanzalá, aqui, foi utilizado diretamente a pretexto da sua identidade com a fantasia criada por Afonso Schmidt em *vanzalá*, sobre Cubatão do ano 2000.

13 Trata-se do Projeto Zanzalá, no sítio Cotia Pará, cujas moradias estariam a cargo da Codespaulo (Cia. de Desenvolvimento de São Paulo), a partir de recursos do BNH. Mesmo sem terem sido construídas as casas, foram gastos 6 bilhões de cruzeiros e recuperou-se de 30 a 50% de mangue da área em questão. Entre os motivos expostos para a paralização do projeto, consta o do elevado custo da moradia.

bada o capital industrial e a acumulação de capital como seu movimento necessário, é inerente a exploração da natureza inteira seja para descoberta de novas propriedades úteis das coisas, seja para a descoberta de novos objetos utilizáveis, submetidos ao capital. Portanto, é um quadro de negação da divinização da natureza, da afetividade local e localizada entre o homem e a natureza.

“Pela primeira vez a natureza se converte puramente em objeto para o homem, em coisa útil; cessa de reconhecê-la como poder para si; inclusive o reconhecimento teórico de suas leis autônomas aparece só como artimanha para submetê-la às necessidades humanas seja como objeto de consumo, seja como meio da produção.” (MARX, *Grundrisse*, vol. I, p. 362).

Também neste contexto deve ser examinado o desenvolvimento das ciências naturais. Reconhece-se muitas vezes o caráter utilitário frente à natureza por parte de inúmeros trabalhos, pois de forma alguma os cientistas naturais estão distantes de interesses reais relativamente a ela, por esse expressos, conscientemente ou não. A questão ambiental, bem como outros temas e especializações, respeitam aos interesses vigentes e contraditórios; a dita ciência natural “pura” é uma completa ilusão, ilusão ajustada à necessidade de sujeição das ciências aos interesses do capital.

A questão da utilidade merece maior detalhe, pois, a princípio, a natureza, pela sua própria definição, é útil e sempre o será ao homem. Quando dissemos que através da atividade vital do homem, este reproduz sua vida, não nos remetemos somente à sua vida estritamente física, ou melhor, ao sentido estrito de sua vida física.

Não se trata exatamente de reproduzir o que necessita diretamente para si e sua família. Essa produção unilateral é própria ao animal, ao homem a atividade vital não passa, só e necessariamente, pela coação da necessidade física, “... e só quando está livre dela é que verdadeiramente produz” (MARX, KARL, *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, primeiro manuscrito, p. 74).

Neste sentido, Marx fala do homem como ser genérico, ou de sua vida como vida genérica, no momento em que “... converte em objeto seu gênero, tanto o seu próprio como o das demais coisas” (MARX, *idem*, p. 72). E é “... na transformação do mundo obje-

tivo que o homem se afirma realmente como ser genérico" (*idem*, p. 74), na medida em que produz universalmente. No entanto, a apropriação da natureza pelo homem, o desenvolvimento das forças produtivas, o caráter social do trabalho humano, seu sentido positivo coexistem, transformando-o com o sentido da perda, da alienação. A apropriação torna-se alienação. Quanto mais o mundo sensível é apropriado pelo homem, mais se vê a maioria dos homens, aqueles para os quais a natureza é do outro, privados dos meios de vida que esta lhe oferece; seja meios de vida de seu próprio trabalho (os instrumentos, as materiais etc), seja meios de vida no sentido estrito (os que lhe garantem a subsistência).

Essa combinação contraditória entre a apropriação e a alienação faz com que o trabalho vivo perca sua alma ou se torne indiferente a seu conteúdo real e apareça como recurso a valorizar o trabalho morto de outrem, sujeita o uso às necessidades do capital. A base da utilidade aqui mencionada é a desunião histórica entre o trabalho e seus pressupostos materiais.

E essa separação se consubstancia em forças produtivas que são forças destrutivas, num trabalho que define ao trabalhador, na separação real entre o homem e a natureza, entre a produção social, universal e sua vida particular, individual,¹⁴ possibilitando a ilusão de uma perfeita acomodação entre os termos em oposição. Daí surgem a coletividade ilusória, o pretense interesse comum camuflando os interesses particulares, a transformação e a preservação da natureza como fruto da vontade e independente dos interesses reais etc.

Nesses termos, na separação entre o homem e a natureza também é possível compreender a destruição da natureza pelo homem.

Hoje Cubatão aparece como individualidade perversa na figura de uma centro altamente poluído, em decorrência da produção industrial. É o "Vale da Morte". As emissões de poluentes atingem o ar, a água, o solo, o homem. Cada vez mais Cubatão se caracteriza como lugar hostil à vida, cuja expressão mais evidente é a maior incidência

¹⁴ Marx conclui sobre a redução dos indivíduos, sua subordinação à contingência das suas condições de existência, sobre a interdependência, a partir da divisão do trabalho, marcada pela sua oposição; enfim, sobre indivíduos abstratos, com a perda do conteúdo real da sua vida em favor da propriedade privada. (*vide* bibliografia citada).

de anomalias congênitas. Sequer um controle teórico-técnico de seu significado é possível, dadas inclusive, as combinações resultantes dos poluentes existentes. Verifica-se o lançamento diário, além dos padrões admissíveis e admitidos, de gases e névoas ácidas, altamente tóxicos, carcinogênicos e mutagênicos; o despejo de efluentes industriais repletos de mercúrio, chumbo, zinco e outros metais pesados, jogados no mangue e no estuário de Santos; o resultante processo de degradação da vegetação ao redor atingindo as encostas da serra do Mar, agravada pela ocupação das encostas para moradia, por uma população de por volta 30 mil pessoas, reunidas nos núcleos das cotas 500, 400, 200, e 95/100, hoje considerados uma grande mancha de moradias.

Dentro de Cubatão, a área especialmente citada como mais poluída é a Vila Parisi. Não exatamente por acaso, é ela também que se define pelos conflitos de apropriação do espaço entre as indústrias e a população residente.

A produção industrial e a poluição resultante aparecem no contexto de um processo de destruição da natureza, por sua utilização nos termos historicamente propostos. A água, o ar poluídos, enfim, a poluição vêm de encontro a um processo de estranhamento que não se iniciou com ela, mas que tem nesse fato particular o desenvolvimento necessário de um processo de exploração e alienação de toda a natureza e do próprio homem de si mesmo, sua sujeição à propriedade privada; em última análise ao capital.

Essa poluição, potencial ou real, reflete a concentração da produção industrial, bem como sua dispersão. Diz-se potencial também na medida em que pode ser evitada através dos equipamentos antipoluentes disponíveis. Ela expressa um processo cada vez maior de independência dos elementos naturais, antes acessórios do solo, concomitante à sua rarefação. Para Henri Lefebvre, estamos diante das futuras raridades e a poluição é um fenômeno superficial que as expressaria. Rarefação da qual resulta a perda pelos "elementos" de sua natureza, passando a ser produzidos. "...Muito perto estamos do momento em que o ar será filtrado em cima dos núcleos de população, ao redor das cidades. De fato, existe um produto industrial que é o 'ar condicionado'... Esses bens, a cada dia que passa nos veremos mais obrigados a produzi-los." (LEFEBVRE, Henri, *Espacio y Política*, p. 105).

Poderíamos falar, assim, do sistema de filtros de poluentes industriais como sistema de produção de ar de água etc.; e, em Cubatão,

os equipamentos de controle da emissão de material particulado (poeira) e poluição das águas vão custar cerca de 100 milhões de dólares.¹⁵

Neste sentido, entre cada vez mais no sistema de trocas a natureza inteira, decifrada para produção e venda. Portanto, sua apropriação diferenciada está baseada na possibilidade diferenciada de compra.

Da Cubatão dos bananais à Cubatão das grandes indústrias, verifica-se um maior domínio das condições chamadas naturais; a exploração e controle da natureza chegou a estágios mais avançados. Hoje Cubatão é resultado da elaboração dessas condições numa tal escala que boa parte de sua área de mangues, perfazendo expressiva porção de seu espaço físico, ao longo dos rios e canais de complexo estuarino, foi aterrada e agora suporta pesados corpos industriais. E mais áreas podem ser recuperadas ao uso industrial, segundo fontes e intenções ligadas às indústrias.

Entretanto diante de uma apropriação diferenciada da técnica, ou, em termos mais abrangentes, do desenvolvimento das forças produtivas consubstanciadas nessa organização social, e da necessidade de viver próxima a seu local de trabalho, determinada pelos próprios padrões de exploração do mesmo; ao nível da população residente, a maioria extremamente pobre convive com o mangue em sua feição mais natural, muitas vezes a partir de aterros precários ou casas em palafitas, para não falar dos esgotos expostos em valas abertas ou áreas alagadiças. A questão natural do sítio transforma-se historicamente na questão da apropriação diferenciada da técnica ou de resultados do trabalho humano.¹⁶

Como hipótese, seria de supor que uma Cubatão menos poluída, após a realização dos investimentos em equipamentos antipoluentes, representaria um reforço para a expulsão de boa parte da população residente, pobre e sem condições materiais de pagar por esse produção do ar, da água etc., já que a mesma se incorporaria ao solo, dessa forma mais valorizado. Os núcleos favelados sofreriam maior

15 Estes são investimentos previstos pelo Plano de Ação para Controle da Poluição Ambiental em Cubatão para a instalação de equipamentos antipoluentes, até 1988, em 23 indústrias de Cubatão.

16 As enchentes em vila Parisi, área residencial rodeada de indústrias, (entre elas a Cosipa), deve-se também ao desnível do terreno, provocado pelos aterros das indústrias, relativamente à vila.

pressão para a sua extinção. Em resumo, uma Cubatão menos poluída seria uma Cubatão ainda mais monopolizada pelas indústrias.¹⁷

A poluição expressa a constituição de novas penúrias, novas privações, não apenas e necessariamente através de sua tradução em pobreza material específica falta de bem-estar etc., mas também no sentido de que denuncia a generalização crescente da apropriação privada da natureza a todos os lugares e a mais e mais de seus elementos, como um processo concomitante de concentração dessa propriedade.

O peixe doente que o pescador de Cubatão pesca atualmente reflete a dimensão de sua subordinação às alternativas de trabalho criadas pelas grandes indústrias da área ou à perda de sua independência relativamente a elas. Os sirizeiros, que vendem seu produto à beira da estrada, são verdadeiros resquícios de uma maior independência, porque os siris e carangueijos são mais resistentes à poluição.¹⁸

O início da poluição industrial, com a instalação das primeiras indústrias no período pós-50, destruiu muitos bananais, forçando seus donos a vendê-los barata ou a abandoná-los.

Alinhando-se algumas organizações, diretamente ou também envolvidas com o problema ambiental de Cubatão, tem-se ao nível do Estado a Sema (Secretaria Especial do Meio Ambiente), a Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental), que atua legalmente no controle da poluição em São Paulo, o Conselho Estadual do Meio Ambiente, o Conselho Municipal do Meio Ambiente. Foi cria-

17 Ao mesmo tempo em que os industriais, através da Fiesp-Federação das indústrias do Estado de São Paulo, manifestavam-se favoráveis ao "Plano de Ação para o Controle da Poluição Ambiental em Cubatão", elaborado pela Cetesb, renovaram sua defesa à expansão, bem como instalação de novas indústrias em Cubatão. (Cf. jornal *Folha de S. Paulo* 27 e 28 de julho de 1984).

18 "A tainha acaba de ser pescada. Está cega, olhos completamente brancos. Ao se debater no fundo do barco, algumas escamas se soltam com facilidade. Ela cheira mal. Está viva, mas já tem aparência de peixe podre. Essa tainha — viva e podre — causaria espanto e nojo a qualquer pessoa. Mas não aos pescadores do estuário de Santos. Quase todos os dias eles encontram peixes como esse: envenenados pela poluição que domina o ar respirado por esses homens e as águas, onde lutam dia a dia para tirar o sustento de suas famílias." (*Folha de S. Paulo*, 1º/4/84, p. 21).

da, inclusive em 1982, a Comissão Interministerial de Cubatão,¹⁹ extinta um ano após. Junto à sociedade civil, entre outros exemplos, reúne-se inúmeros cientistas com trabalhos sobre aspectos específicos da questão ambiental, envolvendo a Associação Brasileira de Meio Ambiente, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), esta última com uma Comissão de Estudos dos Problemas de Cubatão; em torno das indústrias, vinculado a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), existe o Departamento de Meio Ambiente e Uso do Solo, além de outros organismos particulares de cada indústria; junto à população destaca-se a Associação das Vítimas da Poluição e das Más Condições de Vida de Cubatão,²⁰ o trabalho de representantes do legislativo, as associações de moradores, grupos reunidos em torno da Igreja etc. É comum o surgimento ou mobilização eventual de grupos de trabalho, comissões de inquérito e outras formas de organização a propósito de problemas específicos e agudos, advindos de uma situação crônica de negação da vida. Por exemplo, a Comissão Mista de Negociação, organizada pelo Governo do Estado de São Paulo, e a Comissão de Moradores de Vila Socó, mobilizada em função do incêndio da vila.²¹

A atuação dessas entidades ou instituições só pode ser compreendida à luz de seus compromissos particulares, e não de uma vontade geral que pretensamente responda ao interesse de todos.

As bases da relação homem-natureza, que aqui consideramos, encaminha-nos necessariamente ao entendimento dessas relações, da mesma forma que são seu fundamento concreto. Desvendar o jogo de interesses que se estabelece e que respalda cada uma delas, bem como a legislação do meio ambiente, é uma tarefa difícil, o que não nos impede de concluir sobre a relação entre essas instituições e leis e os interesses reais e, dessa forma, interpretar seu impacto sobre Cubatão. A própria pulverização desses organismos voltados para o meio

19 A Comissão Interministerial de Cubatão foi criada pelo decreto presidencial nº 87.000 e tinha caráter consultivo-normativo.

20 A Comissão das Vítimas da Poluição e das Más Condições de Vida de Cubatão, fundada em janeiro de 1982, representa uma tentativa local de controle e contentação dos problemas considerados estritamente ambientais e outros; já realizou dois congressos, que reuniram representantes de bairros e vilas de Cubatão. Vem aos jornais freqüentemente para denunciar tais problemas, bem como sua utilização como mediação na resolução de conflitos como os de apropriação do espaço.

21 Ocorrido em 24 de fevereiro deste ano, devido a vazamento de um duto de Petrobrás e seu posterior rompimento; matou, oficialmente, 93 pessoas.

ambiente, junto a setores sociais distintos, denota o controle do tema segundo seus compromissos específicos.

Esse quadro político institucional tem como base uma situação real, que envolve altos níveis de poluição ambiental, comprometendo a reprodução da vida, como no caso de Cubatão, e gerando conflitos reais, absorvidos por facções e entidades dessa porção da sociedade instalada em Cubatão ou fora dele, que pressionam no sentido de tornar uma realidade a proteção exercida ao nível do direito, "reduzido a lei"; assim transforma-a em mais que uma nuvem de proteção ilusória, ou "pura" ideologia. Contudo, dentro de uma organização social, cujo aparato reprodutor é poderoso, tais conquistas são reabsorvidas por setores sociais dominantes e surgem novas formas de dominação. Se a unidade de pentaclorofenol da Rhodia foi fechada em novembro de 1978, após ter vitimado a trabalhadores;²² se algumas indústrias têm equipamentos antipoluentes, embora não adequados; se o vazamento de benzeno na coqueria da Cosipa vem a público, depois de intoxicar 83 trabalhadores, sujeitos a leucopenia;²³ além das conquistas serem extremamente parciais, verifica-se a conveniência da existência e divulgação da poluição em Cubatão, tendo em vista constituir-se numa verdadeira estratégia de apropriação do espaço e neutralização dos conflitos a respeito.

Considerando-se que não há necessidade estrita de reproduzir inteiramente a massa de trabalhadores, moradores de Cubatão, substituíveis por milhões de trabalhadores potenciais disponíveis em todo o país; que, por outro lado, centros urbanos próximos a Cubatão já abrigam parte de sua força de trabalho, entre eles Santos; e que, tendo em vista as características da industrialização de Cubatão, há necessidade de crescente açambarcamento de espaço para a produção industrial, a poluição passa a ter, no jogo das forças sociais, um caráter reprodutor.

A poluição representa uma arma poderosa na luta pela apropriação do espaço, mais diretamente na extinção ou remoção das zo-

22 Trabalhadores da Rhodia voltaram a denunciar estarem sendo vítimas de intoxicação por pentaclorofenol, produto químico mais conhecido como "pó da China". Veja a respeito o jornal *Folha de S. Paulo* de 5/7/84, p. 18. A denúncia foi feita no 1º Seminário Franco-Brasileiro sobre emprego e saúde no trabalho, realizado na Cidade Universitária, em São Paulo.

23 A moléstia chamada leucopenia caracteriza-se pela diminuição drástica da quantidade de glóbulos brancos no sangue, podendo ocorrer a morte por anemia aplástica (destruição total desses glóbulos).

nas residenciais, definidas como de localização inadequada, segundo padrões técnicos a ela relativos. Assim, observa-se em Cubatão, principalmente nas áreas mais atingidas por esse conflito, uma certa resistência a discussões sobre a gravidade da poluição, pelo caráter perverso que podem assumir. E certo conforto por parte das indústrias, especialmente quando não é mencionada cada uma em particular.²⁴

Cubatão é arrolada entre treze áreas consideradas áreas críticas de poluição pelo "artigo 8º do Decreto Federal nº 76.389, de 3 de outubro de 1975, que dispõe sobre medidas de prevenção e controle da poluição industrial, de que trata o Decreto-Lei nº 1.413, de 14 de agosto de 1975, e dá outras providências."²⁵

A Lei Federal nº 6.803, de 2 de julho de 1980, fixou as diretrizes para o zoneamento industrial nessas áreas,²⁶ estabelecendo a competência dos governos estaduais para delimitar, classificar e implantar o zoneamento, portanto retirando-a dos municípios, que é a quem, no Brasil, compete a legislação de uso do solo.²⁷

Dois decretos estaduais, até há pouco tempo, regulamentaram as zonas de uso industrial em Cubatão. São eles o de nº 18.525, de 11 de março de 1982, e o de nº 20.091, de 6 de dezembro do mesmo ano, que altera e dá nova redação ao primeiro. O decreto em questão estabelece três ZUPI's, ou Zonas Urbanas Predominantemente Industriais, e uma ZEI, Zona Estritamente Industrial, em torno da qual giram os conflitos de uso. Em seu artigo 2º consta a permissão ao uso industrial, "bem como das atividades essenciais às suas funções, sendo desconformes todos os demais usos"; e, precisamente, o segundo parágrafo desse artigo menciona a adoção de providências "necessárias à realocação, para as zonas de uso diversificado, dos aglomerados residenciais que resultarem confinados na ZEI-Cubatão".

24 A exemplo da Cosipa e a intoxicação por benzeno, da Petrobrás e a tragédia da Vila Socó (ou São José).

25 Relatório da Cetesb junto ao Grupo de Trabalho do Plano Diretor da Baixada Santista, 1982.

26 Estabelecendo: zona de uso estritamente industrial, zona de uso predominante industrial e zona de uso diverso.

27 À época houve impasse jurídicos em torno dela. Entre as discussões estavam a questão de o zoneamento ser estabelecido por decreto — portanto, é de competência do executivo, e não do legislativo, o fato de ser fixado pelo Estado e não pelo município. Na realidade, a Legislação sobre as áreas críticas de poluição é expressão da centralização de poder.

Os núcleos residenciais desconformes, segundo o decreto, são os seguintes: Vila Elizabeth, Areais, Piaçaguara, Jardim São Marcos e Vila Parisi. Na realidade, Vila Parisi, hoje, incorpora parte substancial da população do Jardim São Marcos, praticamente extinto, com a aquisição dos terrenos pela Ultrafertil.

Além de ser o maior núcleo, reunindo uma população superior a mil pessoas, Vila Parisi é o foco de resistência mais importante. Ao nível das reivindicações de revogação do decreto, apesar das diferenças internas quanto às motivações e forças políticas que as expressam, aparece a consciência da utilização da poluição como subterfúgio a mascarar as intenções de dispor desses espaços necessários à expansão da produção industrial e a preços módicos.

Entre os argumentos mais imediato utilizados para negar a remoção da Vila Parisi, estão, a existência de uma massa de trabalhadores, algumas vezes maior que a população da vila, trabalhando diurnamente, dentro das indústrias instaladas na ZEI, e o ato de o problema da poluição não se circunscrever a ela, mesmo que em seus limites seja considerado mais grave (afirmação avaliada com reservas, frente às dificuldades de mediação exata quanto à totalidade dos poluentes, sua relação mútua etc.).

No final de 1984, exatamente a 10 de dezembro, o governo estadual, através do Decreto nº 23.040, revogou a legislação anterior, extinguindo a ZEI e as ZUPIs, e, com elas, o caráter desconforme dos aglomerados urbanos mencionados. Em princípio, tal decreto contrapõe-se aos anteriores. Contudo, seria precipitado supor que elimine os conflitos e interesses contraditórios que envolvem as indústrias e a população residente nesse e em outros núcleos residenciais de Cubatão. Recoloca, sim essa luta em um novo patamar e, sem dúvida, reflete uma conquista dos que estiveram empenhados em manifestações de oposição à remoção das vilas atingidas.

Em contraposição, Cubatão conserva-se como área de segurança nacional, com seu prefeito nomeado. Essa nomeação pode se constituir numa arma do ponto de vista das indústrias interessadas.

Na verdade, a poluição e a remoção dos espaços residenciais em Cubatão constituem formas de exploração do trabalho, considerando que a primeira, enquanto problema de saúde, restringe a vida humana,

restringindo a reprodução do trabalhador e de sua família. E a transferência da moradia para lugares mais distantes do local de trabalho significa um aumento das despesas de transporte, provavelmente não compensado pelos salários, tendo em vista a concorrência intertrabalhadores alimentada pelas próprias indústrias.

A produção industrial em Cubatão, que expressa níveis elevados de concentração do capital, associados à sua dispersão relativa em empresas de empreitagem, e se exprime, no contexto do Estado, a partir de instituições e leis de caráter centralizador, caracteriza a forma assumida pela propriedade privada em Cubatão, bem como seu movimento. Essa produção, contraditoriamente, desenvolve-se como um processo de arrebatar ao homem de Cubatão elementos essenciais à sua vida, como o ar puro, e mais e mais tentar lhe tirar o solo de sua moradia — em outras palavras, alimentar-lhe o espaço apropriado.

As reivindicações em Cubatão transcendem a Vila Parisi, mas sua resistência assume um caráter estratégico na contraposição a essas formas de dominação e expressão das exigências econômicas, particularmente manifestas, hoje, através da busca pela coerência entre a expansão industrial e a disponibilidade de espaço.

No estudo do meio ambiente, temos consciência da necessidade de desenvolver outras categorias de análise além daquelas aqui expostas e da forma como o foram. Sabemos dos vazios criados na análise e que fragilizam nossa argumentação. Entretanto, consideramos fundamental, ainda que nos termos apresentados, compreender a questão ambiental como processo de privatização da natureza a partir do trabalho alienado.

BIBLIOGRAFIA

LEFEBVRE, Henri. *Espacio y Política, El Derecho a la Ciudad II*. Trad. Janine Muls de Liarás e Jaime Liarás García, edições Península, Barcelona, 1976.

MARX, Karl. *Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844*, primeiro manuscrito. Trad. Daniel Zadunaisky, Editorial Pluma Ltda., Bogotá, 1980.

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*, trad. Conceição Jardim e Eduardo L. Nogueira, v. I, 3ª ed., editorial Presença, Lisboa.

- MARX, Karl. *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse)* 1857-1858, Trad. Pedro Scaron, v. I, 9ª ed., Siglo Veintiuno Editores S/A, México, 1977.
- PERALTA, Inez Garbuio. *O Impacto da Industrialização sobre o Desenvolvimento Urbano de Cubatão*, tese de doutoramento em História. Econômica apresentada ao Departamento de História da FFLCH da USP, São Paulo, 1979.
- SCHMIDT, Afonso. *Menino Felipe*, Clube do Livro, São Paulo, 1957.
- SCHMIDT, Afonso. *Zanzalás-Uma Novela de Tempos Futuros*. Edição SPES, São Paulo, 1938.
- SILVA, Jorge Ferreira da. *Cubatão no Obra de Afonso Schmidt*. 1ª ed., Prefeitura Municipal de Cubatão, 1973.

RESUMO

O presente artigo identifica, de início, meio ambiente à natureza, e trata à natureza no âmbito de sua relação com o homem, privilegiando sua transformação a partir da história humana. Concebe como mediação dessa relação o trabalho, historicamente desenvolvido enquanto trabalho alienado, tendo como contraponto a condição da natureza enquanto propriamente privada. Essa argumentação, em última instância, desemboca na separação real entre o homem e a natureza, a partir da desunião histórica entre o trabalho e seus supostos materiais. A realidade social de Cubatão aparece como evidência empírica. A transformação de Cubatão dos bananais em grande centro industrial petroquímico-siderúrgico é examinada nos quadros de um processo de privatização crescente da natureza, subordinando cada vez mais a reprodução da vida em Cubatão à acumulação do capital industrial e comportando inclusive a negação de Cubatão como lugar para viver, dada sua redução a "Vale da Morte", compatível com os altos níveis de poluição industrial, bem como as tentativas de remoção de núcleos residenciais, que têm na poluição sua justificativa oficializada.

ABSTRACT

THE article identifies the environment with nature and analyses nature in its relationship with man. Work is here conceived as mediation of this relationship. The changing of Cubatão from a banana plantation area to a great petro-chemical and siderurgic center is analysed in the frame of nature. Privatization that leads to the denial of Cubatão as a living area, reduced as it is to a "Death Valley" due to the high level of industrial pollution.

RÉSUMÉ

Cet article prend, comme point de départ, l'identification de l'environnement à la nature, analysant celle-ci dans le contexte de son rapport avec l'homme, en privilégiant ses transformations à partir de l'histoire humaine.

Le travail est conçu ici comme une médiation de ce rapport historiquement développé face à la condition de la nature en tant que propriété privée. Cette argumentation arrive à la séparation réel entre l'homme et la nature, à partir de la séparation historique entre le travail et ses supposés matériaux. La transformation de Cubatão jadis caractérisé par les plantations des bananiers, dans un grand centre industriel petro-chimique et sidérurgique est examinée dans le cadre d'un processus de privatisation accélérée de la nature. Cela implique dans la négation de Cubatão entant qu'un lien à vivre, réduite à la "Vallée da la Mort" sur les hauts niveaux de pollution industrielle, et aussi les tentatives de transfert de la population.